

O que fazer com a pobreza dos devedores?

Ao abrir ontem, em Brasília, a Assembléia Parlamentar Latinoamericana para a Dívida, que reúne até amanhã cerca de 100 representantes de 18 países da região, além de políticos e economistas europeus, o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, afirmou que o Brasil não quer continuar a negociar sua dívida externa com um cartel de bancos.

O encontro é promovido pelo Parlamento Latinoamericano e entre os convidados estão o ex-ministro socialista francês Michel Rocard, líder da ala considerada pragmática de seu partido, o ex-presidente venezuelano Carlos Andrés Perez (que é candidato a um novo mandato) e o deputado trabalhista inglês Stuart Holland, que poderá ser ministro das Finanças se o seu partido voltar ao poder.

Holland foi a surpresa da discussão de ontem sobre a dívida externa. Ele sugeriu aos países da América Latina "adotar uma posição forte e de pressão, fazendo valer o poder que adquiriram diante da comunidade financeira internacional como grandes devedores". Ele deu como exemplo a formação de um grupo pelo Brasil, Argentina e Venezuela, que poderiam limitar os pagamentos dos juros a uma percentagem das exportações. Isto geraria protestos, mas forçaria uma situação e obrigaria os credores a negociar.

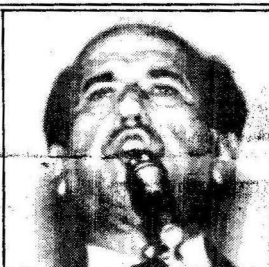
Holland defendeu uma tese totalmente contrária à do francês Michel Rocard, que não quer a formação de qualquer cartel de devedores. Rocard disse que o Fundo Monetário Internacional (FMI) no momento "é o melhor instrumento que países endividados como o Brasil têm para resolver seus problemas".

Mudar negociações

Tanto Holland como Rocard e Andrés Perez ouviram Bresser dizer que os devedores devem buscar a negociação, mas não podem abrir mão de tomar medidas unilaterais se as negociações não derem certo. Foi nesse momento que o ministro da Fazenda revelou sua disposição de mudar o sistema de negociação. Hoje ela é realizada com a mediação dos "comitês de gerência" de cada país, formados pelos bancos mais expostos em cada caso — os cartéis criticados por Bresser Pereira.

"Esse sistema é muito demorado", afirmou Bresser. Ele disse ainda que já discutiu o assunto com alguns banqueiros, em sua última viagem a Nova York. O ministro acrescentou que essa mudança deverá entrar na ordem do dia, depois que for assinado o acordo que está sendo negociado em Nova York, de refinanciamento dos juros devidos pelo Brasil até 89. A assinatura está prevista para 14 de janeiro próximo.

Bresser teria ficado satisfeito com os depoimentos dos convidados estrangeiros, feitos à tarde, quando o ministro já não estava no auditório Petrônio Portella, do Senado, onde se realiza o encontro. Todos pertencentes a partidos filiados à Internacional Socialista, eles defenderam posições parecidas com as propostas do ministro brasileiro — de que é preciso limitar o pagamento de juros e dar um "desconto" real do valor da dívida



Andrés Perez

— e bem diversas das teses ortodoxas dos governos conservadores de seus países.

O clima de consenso do encontro foi quebrado apenas pela crítica do ministro da Cultura, Celso Furtado — um dos debatedores da tarde —, a uma observação de Michel Rocard. O convidado

francês defendeu a criação de uma nova instituição internacional para "comprar" a dívida externa dos países em desenvolvimento e reestruturá-la em prazos mais longos e juros mais baixos, mas fez um apelo veemente aos devedores: nada de cartel de endividados, nem de ações unilaterais. Cooperação, em lugar de confrontação.

Celso Furtado lembrou que os países ricos formam um cartel e que, portanto, os devedores têm de se unir também. "Já estamos em meio à confrontação e é preciso saber quem são nossos aliados e nossos adversários", afirmou. O deputado britânico Holland aceitou a tese de união dos devedores e foi mais longe: por que alguns dos países latino-americanos mais endividados não tomam a iniciativa de convocar uma grande conferência internacional sobre a dívida, com banqueiros e países ricos? "Fiquei impressionado com realismo exagerado que encontrei aqui", disse o parlamentar inglês.

Da parte dos latino-americanos, a ênfase ficou na necessidade de passar da retórica à ação. Carlos Andrés Perez disse que o diagnóstico do problema é mais do que conhecido, as receitas servidas até agora pelo FMI e pelos países ricos já comprovaram sua ineficiência, mas falta achar novos remédios. Bresser, que ainda estava no auditório quando o ex-presidente venezuelano falou, lembrou que o problema é a falta de unidade das próprias classes dirigentes latino-americanas. "Há gente entre nós que ainda acredita que a solução é ir ao FMI e abrir a economia à integração total com o Primeiro Mundo, o que é um absurdo", comentou o ministro. "Por isso é tão difícil à América Latina tomar posições comuns."